

VII
CONGRESSO
LUSO-BRASILEIRO
de História da Educação



António Sérgio (1883-1969) - cultura, educação, democracia, migrações, política

Carlos Alberto M. Gomes Mota
UTAD, Vila Real

EIXO 7– Políticas Educativas e Cidadania

António Sérgio de Sousa nasceu em 3/9/1883 em Damão, sendo filho do Governador; foi para África, onde viveu até aos dez anos e mais tarde estudou no Colégio Militar, completou o curso, viajou a Cabo Verde e Macau. Aos dezoito anos deveria ser apresentado à família real – o que recusa, sendo tal gesto interpretado pelo seu próprio pai como indício de Republicanismo – o que Sérgio nega¹. Quando a República é implantada abandona a Armada e – diz-se – parte a espada de oficial, – episódios que Sérgio narra de maneira diferente, segundo A. Campos Matos. Para Campos Matos, Sérgio deixou a Armada, com um simples requerimento. O facto de ter nascido na Índia, o convívio com costumes e povos não europeus, comum a muitos portugueses “ultramarinos”, marcará profundamente este autor. Na referência breve que fazemos Sérgio não considerava a questão do regime (República ou Monarquia) muito importante.

Importante seria o progresso económico e moral do País. Fala explicitamente do “Socialismo”, embora esta sua ideia não seja, nem de longe, aparentada com o “Socialismo Marxista”.

Sérgio sempre terá deixado de lado preocupações de ordem biográfica, mas como observam Hameline e Nóvoa, “também praticou o gesto autobiográfico. Aos 32 anos de idade, instalado em Genève (Suíça), escreveu no Livre d’Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau um documento autobiográfico do maior interesse, o único deste género que se conhece ao autor dos Ensaios”².

² Matos, A. Campos, Diálogo com A. Sérgio cita-o na p. 26: “Só a democracia social me interessava, enfeitada com uma coroa ou sem coroa alguma. E, já que havia República, era minha opinião que ficasse. Segundo A. Campos Matos, na mesma obra e página, Sérgio recusa ser apresentado ao Rei pois, nas suas palavras, “desagrada-me a ideia de entrar na corte. ”

² [Hameline e Nóvoa referem] “O Arq. Campos Matos e o Dr. Jacinto Baptista, a quem queremos agradecer publicamente a colaboração prestada, tiveram a amabilidade de nos indicar a existência na Casa António Sérgio de outros materiais de cariz autobiográfico.

Para Nóvoa e Hameline, António Sérgio vai ocupar um lugar muito especial na vida e na história do Instituto Jean-Jacques Rousseau, como se vê por um relatório do director do Instituto, guardado nos Arquivos que refere a presença de três portugueses em 1913-1914: o casal De Sousa pertence a este número. Correspondência vária de António Sérgio, dirigida nomeadamente a Álvaro Pinto e a Raúl Proença, permite-nos saber que o casal chegou a Genève no princípio do mês de Abril de 1914 tendo aí permanecido até ao Verão, regressando um ano mais tarde, instalando-se na Suíça durante todo o ano académico 1915-1916³. Verificamos assim que Sérgio e a esposa foram para Genève para estudar e tornaram-se notados pelos professores do Instituto J. J. Rousseau porque temos disso várias provas, como notam Hameline e Nóvoa: *“na acta da reunião do dia 20 de Novembro de 1915, recomenda-se vivamente a todos os alunos, novos e antigos, a inscrição no Livre d'Or e a redacção de um curriculum vitae tão completo quanto possível”*.

Por outro lado, na acta da reunião do dia 22 de Janeiro de 1916, a autobiografia de António Sérgio já é apresentada como exemplo: *“É favor seguir o excelente exemplo do nosso presidente redigindo, na medida do possível, uma autobiografia tão completa quanto possível”*.

Sérgio manifestou sempre respeito e admiração pelos professores do Instituto. Lembrou também juntamente com Paul Langevin, os nomes de Claparède e de Adolphe Ferrière que considerou apóstolo da educação nova no prefácio à edição portuguesa do *Transformons l'école*⁴.

Sérgio: a cultura, a política, a educação e migrações.

Será importante lembrar que o ordenamento destas palavras pode ser alterado. Por outro lado, podemos falar, no caso de Sérgio em *“Migração/Exílio”* o que aconteceu com muitos portugueses, mesmo anteriores a António Sérgio (os denominados por *“estrangeirados”*).

Depois da Suíça voltou para Portugal muito provavelmente porque queria desenvolver actividades várias ligadas à transformação do País, nomeadamente no campo educativo. Desde os anos 1913-14, Sérgio colaborou na Revista *Águia* órgão da Renascença Portuguesa, aonde escreveram os mais elevados expoentes da cultura portuguesa deste século, como Fernando Pessoa. É nesta revista que tem uma polémica célebre com Teixeira de Pascoaes, sendo esse aspecto da sua personalidade intelectual continuado no futuro, como veremos.

Eram anos conturbados na Europa; preparou-se e deu-se a Primeira Guerra Mundial – que se prolongaria até 1918 – tendo-se o governo da Primeira República de Portugal perfilado a favor

Na verdade, conseguimos detectar no espólio ali conservado quatro documentos (um dos quais em língua espanhola), redigidos provavelmente em 1953-1954, que constituem diferentes versões da notícia referente a António Sérgio, publicada na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Para sermos mais exactos, estes documentos correspondem, no essencial às 173 linhas iniciais (até: . . . nacionais e estrangeiros. ") e à bibliografia da referida notícia.

Trata-se, portanto, de documentos escritos na 3ª pessoa, que não assumem de forma explícita o discurso autobiográfico. "

³ António Sérgio de Sousa preenche o espaço que lhe é dedicado no Livre d'Or dos alunos, provavelmente entre 20 de Novembro de 1915, data em que é eleito Presidente da Amicale, e 22 de Janeiro de 1916.

⁴ Em resposta a uma solicitação de A. Sérgio, Adolphe Ferrière escreve-lhe em 25 de Junho de 1926 propondo uma edição em condições particularmente vantajosas:

"Celui de mes livres qui est le plus simple et qui est pour ainsi dire un manifeste de vulgarisation de l'Ecole nouvelle, c'est mon livre Transformons l'Ecole. Celui-ci pourrait être répandu aussi dans le public des parents capables de s'intéresser à l'éducation de leurs enfants. "

da aliança anti-germânica e austro-húngara; Portugal enviou grandes contingentes de homens que combateram nas trincheiras da Flandres, sofrendo pesadíssimas baixas.

Esta Guerra, na qual pereceram 3 milhões de europeus jovens, seria determinante para o fim do papel de liderança global que a Europa desempenhara, no Mundo, até aí.

António Sérgio foi afectado na sua forma de pensar pela Guerra. A partir de então verá de forma crítica as aplicações que a Ciência e a Técnica podem ter, entre outros casos, na Guerra. Com o final desta, Portugal, tal como os outros Países Europeus, estava debilitado.

Em 1918 Sérgio fundou e dirigiu a revista *Pela Grei*.

Em 1923, passa a integrar a Revista *Seara Nova*, aonde se encontram pessoas como Aquilino Ribeiro, Raúl Brandão e Azeredo Perdigão, que viria a ser o dirigente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Os disseminadores da Cultura, para Sérgio, deviam ser os membros do professorado. Sérgio refere Platão – apela ao “Amor Pedagógico”. Para António Sérgio, *“o que caracteriza o verdadeiro Mestre é o amor das ciências e das almas jovens, o amor da ciência como criação moral, e a condução dos jovens à sabedoria pela força compulsiva desse seu amor”*.

Para ele, a Educação “é filha do entusiasmo, da chama interna”. Robert Dottrens (autor que podemos considerar actual) afirma, a propósito deste tema: “educadores e futuros educadores não deveriam esquecer nunca o poder do exemplo (...) a primeira qualidade de um professor, a regra de ouro que domina todas as outras é simples de enunciar: ser em tudo e em toda a parte um exemplo”⁵.

Parece-me que este ponto das propostas pedagógicas de António Sérgio é o mais difícil de realizar e afigura-se mesmo como mais um traço utópico do seu pensamento. Hoje, no mundo em que vivemos, o sucesso, a afirmação social são factos cada vez mais medidos pelo dinheiro. Isso compreende-se de resto: o dinheiro não é subjectivo; ele cambia-se, troca-se por tudo o que tem um preço, e é facilmente mensurável. Ora, numa situação (e estou a falar para o chamado «Mundo Desenvolvido» – embora no chamado «Terceiro Mundo», seja na mesma) na qual um futebolista mediano recebe salários equivalentes aos que receberia um professor em várias vidas de trabalho, pode perguntar-se como seria possível *“organizar as coisas de maneira tal que os indivíduos mais nobres se possam consagrar a tão nobre afeição”* – [a profissão de professores]⁶.

A Educação não pode, por variadas ordens de razões, ser encarada como algo desligado da Sociedade. “A Educação pertence ao político e não pode ser separada dele sob pena de empobrecimento, de mutilação, de desfiguração. A Educação pressupõe uma concepção do homem, do seu papel na sociedade; das suas relações com a sociedade e a natureza”⁷.

António Sérgio pretendia lançar uma rede de escolas, “a instalar progressivamente sobre a experiência das de Kerschensteiner, de Washburne, de Dewey, de Maria Montessori, de Cousinet, escolas de modelo europeu ou norte-americano, devidamente adaptadas ao meio português”⁸.

⁵ Dottrens, Robert, *Educar e Instruir*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 2ª edição, 1974, p. 18.

⁶ Sérgio, António, “Considerações sobre o problema da cultura”, *Ensaio*, tomo III, p. 57.

⁷ Mialaret, Gaston, *A formação dos professores*, Coimbra, Almedina, 1981, p. 31.

⁸ Grácio, Rui, *Educação e Educadores*, op. cit., p191.

“O trinómio ensino-aprendizagem-estudo constitui a face mais visível do sistema escolar e apresenta um processo histórico complexo (...) a partir da emergência da Escola Nova e das pedagogias activas, vem-se pondo ao serviço da aprendizagem entendida como um processo de assimilação, organização e estruturação pessoal de conhecimentos, ou melhor, de todo o tipo de impressões recebidas do meio ambiente, adquiridas pela experiência e geradoras de modificações nas pautas de conduta do indivíduo. Ao trabalho de aprendizagem que é de per si natural e espontâneo, o estudo acrescenta o carácter de intencionalidade e sistematização, através de dedicação, empenho e esforço persistentes, orientados para a consecução de objectivos pré-fixados. No contexto das modernas pedagogias problematizadora e de projecto, vem-se aprofundando o sentido de ensino-aprendizagem-estudo: não se trata de aprender conhecimentos, reflexões, pensamentos, investigações ou resoluções alheias ou impessoais dos problemas, mas sim de aprender a aprender, a reflectir, a pensar, a investigar e a encontrar pessoalmente as soluções. Não se trata portanto de desenvolver a actividade de entender mas, através dela, a própria capacidade do entendimento”⁹.

A ultra-especialização, quantas vezes determinada precocemente, de que fala Konrad Lorenz, e que Sérgio queria também evitar, fornecendo aos cientistas uma visão global de cariz filosófico, é hoje, reconhecidamente, um grave problema. Com efeito, os políticos têm de decidir com o apoio de cientistas que por seu turno, dispõem de visões cada vez mais restritas da realidade sobre a qual são chamados a dar conselhos técnicos que podem afectar todo o Planeta. *“Pensamos que os cientistas são todos iguais, pensam de maneira igual e falam a mesma linguagem. Na realidade, a ciência é uma torre de Babel. (...) Existem hoje poucos filósofos da Natureza. Nem sequer há muitos cientistas da Terra. Tem-se publicado tanto sobre o planeta que não é possível a uma única mente abarcar todo esse conhecimento. (...) A especialização descontrolou-se. Há mais ramificações na árvore do conhecimento do que na árvore da vida”*¹⁰.

Como vemos, as dificuldades num Mundo em mudança acelerada, da qual só conhecemos os frutos, pois não temos grande capacidade para controlar «processos», são enormes. Daqui decorre a actualidade que podemos retirar às intenções de Sérgio, para o qual, a Educação Cívica contribuiria para *“treino da atitude crítica, no exercício pessoal de um pensar autêntico”*¹¹.

E o nosso autor afirmava igualmente: “que é a ciência positiva separada da moralidade, senão uma forma superior da força, e mais perigosa que a força bruta, porque mais poderosa do que ela é?”¹².

Sérgio como Ministro

Sérgio fundou nessa altura (18 de Dezembro de 1923 e 28 de Fevereiro de 1924) o Instituto Português do Cancro. No domínio Educativo era seu objectivo fundar uma “Junta Propulsora dos Estudos” que por meio de bolsas de estudo no estrangeiro preparasse um escol científico e pedagógico; difunde os métodos educativos de Maria Montessori e Decroly; cria o cinema educativo; cria o ensino especial para deficientes.

A acção política de Sérgio na oposição

⁹ Dias, José Ribeiro, "Filosofia da Educação, Pressupostos, Funções, Método, Estatuto" . Revista Portuguesa de Filosofia, tomo XLIX, Janeiro-Junho de 1993, pp. 4-5.

¹⁰ Weiner, Jonathan, Os Próximos 100 Anos, Gradiva, Lisboa, 1991, pp259-260.

¹¹ Sérgio, António, Prefácio de Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russel, colecção Studium, pp5-6.

¹² Sérgio, António, "Ciência e Educação", Ensaios, tomo I, p. 110.

Passou à oposição com o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926. Foi essencialmente um intelectual, combatendo com ideias e sem recurso à violência, pela tentativa de doutrinação dos outros através das obras que publicou ao longo da vida, obras de tipos diversos. Colaborou em Revistas e Jornais, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, ao executar obras de História, ou nos “Ensaio”.

Exilou-se em França (durante 7 anos). Com uma carta de Paul Langevin¹³ que o apresentava ao representante da França na Sociedade das Nações, terá conseguido que um empréstimo na altura pretendido pelo governo português não fosse concedido. (Foram feitas exigências deliberadamente exageradas ao governo português).

Sérgio foi para Santiago de Compostela aonde leccionou (em 1933) regressando a Portugal com uma amnistia.

Sofrendo nova prisão por oito meses e sendo depois expulso, vai para Madrid. Com nova amnistia volta a Portugal dedicando-se ao ensino. Entretanto dá-se a Guerra Civil de Espanha.

Com o tempo, Sérgio sugerirá o Cooperativismo (a que chamou “Integral”) e usará a escrita, nomeadamente os seus “Ensaio” como arma de doutrinação política. Sabe-se que foi um dos mentores da campanha de Humberto Delgado à Presidência da República em 1958. Pretenderia gerar fracturas no interior do regime.

“(...) não foi- como tem expressado Victor Sá -, não quis ser um historiador (...); Sérgio foi um satírico do academismo, do dogmatismo e do especialismo infecundo”^{14,15}. Terá sido até “(...) uma voz da má consciência do colonialismo português”¹⁶.

As “Migrações”

É muito curioso notar que Sérgio que esteve fora do País por várias vezes, acreditava no valor das “migrações humanas”, mesmo nas consideráveis menos prováveis. Assim, afirma: *“Somos um país colonial e creio que devemos continuar a sê-lo; fomos um país de navegantes, de inovadores, de cosmopolitas, e creio que devemos continuar a sê-lo; simplesmente, se não estou em erro, para podermos sê-lo de maneira plena releva primeiro organizar a sério os nossos alicerces metropolitanos (...). Digamos que Portugal é uma casa-mãe de sucursais espalhadas pelo mundo inteiro. Posto isto, qual é a ideia que eu quis propor? A de que a casa-mãe deverá ser sólida, e um centro de trabalho e de criação pujante, para que resulte proveitoso e assegurado o organismo formado pelas sucursais”¹⁷.*

Educação e Acção Política

Sérgio manteve grande coerência nas suas ideias.

Como balanço sobre o seu ideário pedagógico, podemos rever o essencial das teses sobre Educação e Ensino que defendeu ao longo da sua obra, dizendo que pretendia:

¹³ Esta carta ilustra o facto de Sérgio ser amigo de Paul Langevin e de este depositar grande confiança no pedagogo português.

¹⁴ Sá, Victor, A Historiografia Sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP, p. 11.

¹⁵ Idem, p. 17.

¹⁶ Idem, p. 17.

¹⁷ Sérgio, António, “Notas de política”, Ensaio, tomo III, p. 188.

1º-Novos processos de educação infantil, expostos por Luísa Sérgio (sua esposa) em *O Método Montessori* de 1915;

2º-Ligar a instrução popular às actividades produtoras da região da escola o que sustentou em *A função social dos estudantes* de 1917 e em *Educação Profissional* de 1916;

3º-Estudar a História de Portugal seguindo determinantes de carácter económico, por oposição aos que reclamavam uma visão romântica da Expansão e Conquista Portuguesas, nomeadamente nas suas obras: 1 – *Considerações histórico-pedagógicas* de 1915; 2 – *Breve Interpretação da História de Portugal*, de 1929¹⁸; 3 – *Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*, de 1941;

4º – Considerar indispensável a realização de estudos no estrangeiro (que ele próprio fez) e de bolsas para esse efeito, questão que aborda em *O Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares*, de 1914;

5º-Combater o ensino apenas baseado na memória, ideia que defende em *Noções de Zoologia*, de 1917;

6º-Treinar as crianças para virem a ser cidadãos democratas no futuro, pelo emprego de métodos da democracia política, como defende em *Educação Cívica* de 1915;

7º-Entender o ensino como factor de ressurgimento nacional, como diz em obra de 1918, com esse título.

Sérgio é um continuador de pensadores ligados à Educação que vêm já da Grécia: ele próprio fala com entusiasmo de Platão e não se pode esquecer que os Atenienses ou os Espartanos tinham conceitos sobre Educação que correspondem ao que Sérgio defendeu: preparar as crianças para virem a assumir os seus deveres de cidadãos. A República de Platão, trata a Educação com pormenor, dividindo-a em elementar, secundária e superior. O mesmo Platão entenderá já a Educação como assunto do Estado – no que será continuado pelo seu discípulo Aristóteles, professor de Alexandre (O Grande) da Macedónia – o que nos faz pensar na noção sergiana de “formação de elites”, com o intuito, nomeadamente, de formar bons governantes. Sérgio não parece destacar Roma como um exemplo no campo educativo; no entanto, refere a Companhia de Jesus pela disciplina e rigor dos seus estudos e, ao mesmo tempo, destaca a figura de Jean-Jacques Rousseau, cujos princípios educativos foram adoptados largamente, incluindo-se entre os seus seguidores o próprio Sérgio; de resto, Sérgio considerava a obra de Rousseau actual sob todos os seus aspectos¹⁹. Quando sabemos a importância que Rousseau vê numa visão «global» da Educação, como processo moral, físico, social e intelectual, quando vemos o valor que Rousseau dá ao trabalho manual, compreendemos que as obras de Pestalozzi, Herbart, Fröbel, Montessori, Decroly, Dewey, Kerschensteiner²⁰,[e outros] surgem na sequência lógica da obra de Rousseau, visando um melhor entendimento da infância, levantando o problema das metodologias de ensino e combatendo o ambiente meramente livresco das escolas, procurando captar o interesse das

¹⁸ No Prefácio da *Breve Interpretação da História de Portugal*, edição de 1972, da Livraria Sá da Costa, Sá da Costa, Idalina e Abelaíra, Augusto, afirmam: "A História de Portugal de António Sérgio veio a lume pela primeira vez em Espanha (1929), em tradução castelhana do Prof. Juan Moneva y Puyol, catedrático da Universidade de Zaragoza, quando o autor se encontrava exilado em França". Op. cit., p.IX.

¹⁹ Sérgio, António, *Ensaio*, tomo I, "Ciência e Educação", p. 97.

²⁰ Estes autores são amplamente citados por homens da Escola Nova, nomeadamente por Faria de Vasconcelos

crianças por meio de inovações pedagógicas que não esqueciam o ambiente que as rodeava, fazendo-as participativas em vez de passivas. Os autores da Escola Nova são seguidores das ideias gerais de Rousseau: é aliás curioso que tanto Sérgio como Faria de Vasconcelos, passaram (como já vimos) pelo Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra.

Conclusão

Sérgio foi preso em 1910, 1933, 1935, 1948 e 1958.

Da sua vida, resistência política, viagens, estudo e vivências, resultou que se aproxima da dúvida, incluindo Descartes, como recusa do princípio da autoridade nas relações humanas, em política, ou em questões pedagógicas. Sérgio tinha dúvidas que decorriam do facto de estar a par dos desenvolvimentos da Física contemporânea: se a Física ao nível do «muito grande» – o Universo, nos coloca tantas perplexidades, que ainda não resolveu, o mesmo sucede com o «muito pequeno», o átomo e as partículas sub atómicas. Numa palavra: não sabemos como apareceu o Universo (embora exista o modelo do Big Bang, considerado standard); não sabemos como terminará, nem aonde, este Universo; desconhecemos o que é de facto o tempo – para Einstein vivemos numa substância chamada «contínuo espaço-tempo», que é curva e está em expansão; como terminará esta expansão? Ou não terminará?; por outro lado, ao nível do microcosmos a questão que se coloca é que a Física não explica porque funciona como funciona a matéria, conceito também difícil de definir. Para Sérgio, amigo pessoal de Paul Langevin, as questões colocadas pela Física são fundamentais: a realidade é fruto do nosso pensamento: daí o seu idealismo; pergunta mesmo: de que coisa é reflexo $v-1$?; *“o idealismo epistemológico dos meus escritinhos é antes de tudo, uma rejeição do empirismo – quer dizer, da doutrina que admite a existência de um mundo dado à mente com o conjunto das suas propriedades intrínsecas, sem colaboração constitutiva do nosso intelecto, da doutrina que concebe as ideias como reflexos das coisas na inteligência”*²¹. Para ele, *“a circunferência é uma criação do espírito (...) é uma noção; é uma ideia. Os meridianos não existem na terra e não nos embaraçam ao atravessar as ruas; (...) ou será que o boi, ao comer a erva, come também os meridianos?”*²². Estas considerações de António Sérgio surgem a propósito da defesa que faz da “Ideia de Igualdade”, que *“não é em si uma ideia absurda, não sendo em si contraditória; portanto, pode empregar-se como as outras ideias, – incluso para superarmos e ultrapassarmos qualquer das formas da experiência humana, e prepararmos a experiência que nos virá mais tarde”*²³. Se a Física lança dúvidas, Sérgio entende que outras matérias, como os temas político-sociais, por exemplo, devem ser, por maior razão ainda, discutidos; *“o princípio essencial da democracia é o de não nos fiarmos em quem governa”*²⁴.

Sérgio propõe:

- 1- a rejeição do dogmatismo e o princípio da questionabilidade das afirmações;
- 2- a defesa de ideias democráticas como a da igualdade;
- 3- a transposição das informações da ciência (nomeadamente da Física) para a Política e para os princípios Pedagógicos: a não aceitação do autoritarismo.

²¹ Sérgio, António, "Migalhas de Filosofia", Ensaios, tomo VII, p. 190.

²² Sérgio, António, "Notas de Política", Ensaios, tomo III, pp220-221.

²³ Sérgio, António, "Notas de Política", Ensaios, tomo III, p. 231.

²⁴ Sérgio, António, "Notas de Política", cit. , p. 234.

Sérgio, que acreditava na humanidade²⁵, remeteu-se a um recolhimento do público nos últimos anos de vida²⁶. Note-se que o optimismo antropológico sergiano tinha um carácter de crença.

Constatara já – sem dúvida – que “no meio dessas maravilhas da técnica científica que são o bombardeamento aéreo, os gases asfixiantes, os obuses monstros (...) os métodos científicos não são por isso, os mais humanos”²⁷.

Constituído em ideólogo de um vago oposicionismo ao regime caído em 25 de Abril de 1974, o que lhe aconteceria se vivesse hoje? Talvez não fosse compreendido, ou fosse esquecido.

Bibliografia

Sérgio, António, Educação Cívica, Sá da Costa, Lisboa ICALP, 1984.

Sérgio, António, Ensaios I, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Ciência e Educação”; “Educação e Filosofia”; “Espectros”; “Ainda os Espectros”; “A Educação Cívica, A Liberdade e o Patriotismo, Antigos e Modernos”; Da Opinião Pública e Da competência em Democracia”; “Interpretação Não Romântica do Sebastianismo”; “A Conquista de Ceuta”; “O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro”;

Sérgio, António, Ensaios II, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal”; “As Duas Políticas Nacionais”; “O Clássico na Educação e o Problema do Latim”; “A Propósito dos «Ensaio Políticos» de Spencer”; “Divagações Pedagógicas a Propósito de um Livro de Wells”; “Notas de Esclarecimento”;

Sérgio, António, Ensaios III, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “Considerações Sobre o Problema da Cultura”; “Notas de Literatura Portuguesa”: “A Sulamite, por Silva Gaio”; “O Século XVIII, por Hernâni Cidade”; “Os Pescadores, por Raúl Brandão”; “Espanha, por Antero de Figueiredo”; “Ressurreição, por Manuel Ribeiro”; “Alguns Aspectos da Literatura Portuguesa, por Aubrey Bell, Fialho de Almeida, por Castelo Branco Chaves”; “Alexandre Herculano e o Problema Moral e Social do Portugal Moderno”; “Eça de Queirós e a sociedade portuguesa (a propósito de um prefácio de Agostinho de Campos”; “Anotações” [ao Ensaio citado antes]; “Notas de Política”; “A Reforma do legislativo”; “Democracia e Ditadura”; “O espírito dos partidos políticos”; “O espírito devaneador e a política”; “Depois de uma ida ao parlamento”; “Autonomismo para uso externo e para uso interno”; “A formação de Portugal e a política”; “Ainda a política do Transporte e a política da Fixação”; “Teses «Integralistas»”; “Para a Ressurreição do Lázaro, por Ezequiel de Campos”; “Sobre a aplicação política da ideia de igualdade”; “Apêndice”; “A Língua Portuguesa, por Jaime de Magalhães Lima”; “Literatura Portuguesa, por Fidelino de Figueiredo”; “A Reforma da Instrução Popular”; “Nota da 1ª Edição”;

Sérgio, António, Ensaios IV, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 1ª Edição”; “Prefácio da 2ª Edição”; “Questão Prévia Dum Ignorante Aos Prefaciadores Da Lírica De

²⁵ Sérgio, António, “Creio na ascensão da humanidade, na possível regeneração da minha Pátria”. “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, Águia, 2ª série, nº 25 Janeiro de 1914 pp. 3-9.

²⁶ Sá, Victor, “Sérgio ficará silencioso, até ao final da sua vida, a 24 de Janeiro de 1969”. - A historiografia sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP, p. 94.

²⁷ Branco, J. Oliveira, O Humanismo crítico de António Sérgio, p. 119, cita o Ensaio “Ciência e Educação”, de Sérgio, Ensaios, tomo I, p. 97.

Camões”; “Em Torno Das Ideias Políticas de Camões”; “Camões Panfletário (Camões e Dom Sebastião)”; “Os Dois Anteros”; “Sobre o Socialismo de Antero (O Luminoso E O Nocturno)”; “Guilherme Meister, Cândido e Gonçalves Mendes Ramires”; “Repercussões Duma Hipótese: Ceuta, As Navegações E A Génese De Portugal”; “Laudas Escritas Para o Segundo Volume da «História de Portugal»”;

Sérgio, António, Ensaios V, 2ª Edição Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio da 2ª Edição”; “Oliveira Martins. Impressões Sobre o Significado Político Da Sua Obra 1. A Influência Política do Historiador / 2. A significação política do publicista”; “Salada De Conjecturas A Propósito De Dois Jesuítas”; “Em Torno Da «Ilusão Revolucionária» de Antero”; “Nótula Sobre Nicolau Tolentino”; “Apêndice ao Ensaio Sobre a Lírica de Camões”; “Glosas Sobre o Miguelismo De Oliveira Martins No «Portugal Contemporâneo»”;

Sérgio, António, Ensaios VI, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Antero de Quental Contra Oliveira Martins No Respeitante Às Fases da Filosofia Europeia e à Evolução Intelectual na Grécia Antiga”; “Notas Sobre a Imaginação, a Fantasia e o Problema Psicológico-Moral na Obra Novelística de Queirós”; “Sobre a Revolução de 1383-85”; “Para a Definição da Aspiração Comum Dos Povos Luso-Descendentes”; “Sobre Cristianismo e Cristãos, Verdadeiros e Falsos”; “1. A religião no Oriente e no Ocidente, segundo Radhakrishnan”; “2. O jogral de Deus”; “3. Em torno da expressão «civilização cristã»”; “4. A propósito do precedente artigo”; “5. Sobre o método mais próprio para converter o incrêdo”; “6. Resposta a um comentarista católico”; “7. A alguns que julgam dever opor-se a Francisco de Assis”; “8. Diante de um Presépio”;

Sérgio, António, Ensaios VII, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Prefácio”; “Glosas Sobre Algumas Pegadas na Areia do Tempo”; “1. Sobre a Canção Segunda de Camões”; “2. Ainda sobre o carácter «congeminitivo» da Lírica camoniana”; “3. Sobre o carácter do socialismo de Antero”; “4. Sobre o apostolado cívico de Luís Verney”; “5. Sobre o problema da liberdade em André Gide”; “6. Sobre o carácter da poesia de Teixeira de Pascoais”; “7. Sobre o Amor de Perdição”; “8. Sobre a universalidade do espírito de Viana da Mota”; “Anotações”; “Miudezas de Música, De Poesia, De Cultura e de Cinema”; “1. Sobre a cultura portuguesa”; “2. Sobre as minhas reacções perante a música”; “3. Sobre a interpretação de dois sonetos célebres”; “4. Sobre o filme Vida de Pasteur”; “5. Sobre o filme Milagre em Milão”; “Anotações”; “Explicações a um Catedrático de Direito Sobre a Doutrina Ética dos meus «Ensaio»”; “Relanços de Doutrina Democrática”; “Migalhas de Filosofia”; “Paideia”;

Sérgio, António, Ensaios VIII, 2ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa: “Despretenciosos Informes Sobre Lusitanos E Romanos Destinados A Um Compêndio Popular De História De Portugal”: “1. Divagações conjecturais sobre o antigo pastor montanhês do Noroeste da Ibéria”; “2. Sobre o lavrador-militar romano e sua vinda à Península Ibérica”; “3. Viriato, o chefe de pastores da Montanha, e as suas lutas com o Lavrador”; “4. Caracteres económicos da ocupação romana na Península Ibérica”; “5. A sedentarização do pastor do Noroeste”; “6. A instauração legal da propriedade privada”; “7. A evolução das classes rurais”; “Em Torno Da «História Trágico-Marítima» (Informes Para Leitores Nada Eruditos, Mas Amadores Das Relações e Visões Globais Dos Acontecimentos)”; “Anotações”; “Sobre o Socialismo de Oliveira Martins (Introdução à sua Obra Intitulada «Portugal e o Socialismo»)”;

Sérgio, António, Breve Interpretação da História de Portugal, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Baptista, Jacinto, Disse chamar-se António Sérgio de Sousa.. . auto da prisão, inquirição e desterro do autor dos Ensaios em 1935, Lisboa, Caminho, 1992.

Barros, Henrique e Costa, Fernando Ferreira, António Sérgio: uma nobre utopia; cadernos O Jornal, 1983.

Branco, J. Oliveira, O Humanismo Crítico de António Sérgio, Gráfica de Coimbra, 1986.

Cardia, Sottomayor, “Para a Compreensão do Ideário do Primeiro Grupo Seareiro”, introdução à “Antologia” de Textos da Seara Nova, Lisboa, 1971, 1º Vol, pp 13-84.

Dias, José Ribeiro, “Filosofia da Educação Pressupostos, Funções, Método, Estatuto”, Revista Portuguesa de Filosofia, tomo XLIX, Janeiro-Junho de 1993.

Hameline, Daniel e Nóvoa, Sampaio, recolha, publicação e notas de comentário a “Autobiografia Inédita de António Sérgio, escrita aos 32 anos no Livre d'Or do instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)”, Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 29, 1990.

Mota, Carlos, António Sérgio Pedagogo e Político, Cadernos do Caos, Porto, 2000.

Magalhães-Vilhena, Vasco de, António Sérgio, o Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa, Lisboa, Cosmos 1975.

Matos, A. Campos, Diálogo com António Sérgio, Lisboa, Arquê.

Patrício, Manuel Ferreira, A Ética de António Sérgio, in Revista Portuguesa de Filosofia, Braga, Abril-Junho de 1992.

Sá, Victor, A Historiografia Sociológica de António Sérgio, Biblioteca Breve, Edições ICALP.

Saraiva, José António, O Caprichismo Polémico de António Sérgio, Porto, 1952.